



GT – 21: Território, Conflitos e Ativismo Sociais Urbanos

Um Rio Do Samba:

Reflexões sobre as geografias populares da cidade do Rio de Janeiro

Autor (01): João Fábio Barros ¹

Filiação institucional: UERJ - FFP

E-mail: Joaorastoldo3008@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho buscamos traçar um caminho feito por dois sambas que acreditamos carregar uma geograficidade em suas letras. Partindo disso, desdobramos para alguns conceitos como corpo, espacialidade e disputa urbana a fim de narrar essa vivência da cidade com o samba, sendo essa ligação se construindo espacialmente e temporalmente dentro da cidade do Rio de Janeiro. Uma relevância a um saber geográfico contra hegemônico que perpassa e se materializa na cidade produzindo outras epistemologias e ontologias que escapam ao modo único de ser e estar na cidade.

Palavras-chave: Corpo; Espacialidade; Samba.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho expomos enquanto recorte espacial a cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo principal de vê-la como parte de um todo que seria, nesse caso, o processo de urbanização brasileira como algo expansivo e progressivo, sobretudo a partir dos anos de 1960. Diante disso, buscaremos apresentar algumas particularidades expressas nas maneiras de estar, construir e observar a cidade e o urbano, que conflitam com a ideia de universalismo dos processos. Afinal, por mais que possamos identificar práticas e políticas de caráter universalista, sobretudo diante do projeto capitalista voltado para as cidades, insistimos sobre a importância

¹ Orientação feita pela Prof. Dr. Mariane de Oliveira Biteti (Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores. Coordenadora do Grupo de Pesquisas MARGEAR: culturas, políticas e geografias marginais, do CNPQ.).

de olhar para os modos particulares de realização. Aqui, nesta breve pesquisa, optamos por dimensionar práticas, experiências, modos de vida e leituras sobre a cidade, utilizando como referência aquilo que consideramos um elemento central da sociabilidade carioca, o samba. Mediado por isso, buscaremos relacionar o ser e estar dos corpos inscritos no samba e os seus grafismos na cidade, não somente para pensar a presença dessas corporeidades, mas principalmente, para considerar o encontro desses corpos como espaço, no espaço da cidade, produzindo um sentido ao urbano.

Tendo em vista a importância de trazer o debate da construção da cidade pautado por diferentes formas, aqui optamos por seguir o caminho aberto pela música popular, o samba, a fim de fincar e narrar o caminho de construção da cidade, onde o samba não só agiu e age como um agente modelador dos tecidos urbanos, como propõe Monte-Mór (2006), quando fala que a construção do conceito de urbano não implica somente o tempo e o espaço, devendo-se considerar o uso do próprio significado da palavra, sua etimologia.

À vista disso, o nosso objetivo neste trabalho é, também, apresentar um Rio de Janeiro que chega às margens. Tendo em vista suas formas heterogêneas e controvérsias que fogem a uma universalização do que expressa ser essa cidade, imbicando as profusas formas de ser e estar na – da cidade que resultam em múltiplas territorialidades, que nesse trabalho esse fator é de extrema relevância, pois como nos lembra Lefebvre a cidade é uma obra (2001), indicamos que ao mesmo tempo é produzida, é produto e produção. Por entender o movimento como algo que tensiona centros e periferias, trazemos como possibilidade dialética as margens do Rio, entendendo que são espaços de disputa, marcados por ambiguidades e, por isso, móveis. Para tanto, partiremos da geograficidade contida nas composições de dois sambas que selecionamos sendo “Geografia Popular” gravado por Beth Carvalho (1998) e Estação Derradeira de Buaque (1995) como fontes de inspiração e possibilidade de conhecimento ofertados pelos saberes populares.

Por isso, o trajeto do referencial teórico se configura em narrar, considerando a geograficidade como horizonte teórico, em diálogo com as letras de duas composições de samba. O nosso referencial teórico para tratar da geograficidade está presente nos trabalhos de Moreira (2008), Martins (2007) e Biteti (2014). Supomos que tais abordagens podem nos embasar, além de potencializar a narrativa da experiência urbana vivida pelas pessoas

cotidianamente. Tanto que as letras têm uma forte conotação ligada às territorialidades e ao que consideramos como geografias dos conflitos, tal como veremos, numa evidente relação com o urbano e com a vivência na cidade. Nos ajuda nessa compreensão, a perspectiva trazida pelo urbanismo subalterno, proposto por Roy (2017), no sentido de tentar situar uma geografia que possa se estender à rua, ao corpo, ao samba.

Enquanto metodologia, para apresentar esse “Rio à margem” iremos percorrer, tal como dissemos, o caminho aberto pelas músicas “Estação Derradeira” do compositor Chico Buarque gravado no álbum “Uma Palavra” (1995) e “Geografia Popular”, samba esse composto por Arlindo Cruz, Edinho Oliveira e Marquinhos de Oswaldo Cruz, gravado por Beth Carvalho no álbum “Pérolas Do Pagode” (1998). Por meio das músicas, pretendemos identificar e relacionar os conteúdos que reverberam elementos do cotidiano na cidade, abordados pelos cantores em suas composições. Acreditamos que esse cotidiano não seja algo manifestado e produzido de maneira acabada e apenas nas composições, há um fator existencial - ontológico para a materialidade se fazer presente no espaço, que no caso é o Rio de Janeiro. As narrativas da cidade sendo postas em questão, que implica diferentemente nas geografias, como propõe Pierre George (1972), que perpassam e constituem a cidade, como propõe Buarque (1995) ao falar dessa civilização do encontro, da encruzilhada.

Sendo assim, as composições selecionadas para guiarem esse trabalho, assumem um papel de resguardar não somente as memórias de um Rio de Janeiro atravessado por reformas eugenistas consequentes da época joanina, mas de ser um meio geográfico ao qual a cidade pode, também, ser vivida e explicada por ele, pela composição musical, nesse caso, o samba. Por isso o esforço de trazer a composição, desses letristas e cantores, enquanto um guia para pensar o urbano e as formas de manifestações desses corpos nessas múltiplas espacialidades que preenchem, ligam e fragmentam a cidade.

Reiteramos que partindo desses fatores ditos acima, das canções selecionadas e a relevância de pensar a cidade e o urbano partindo dessas interseções, sendo o samba o vetor analisado para a narrativa da cidade está participando e gerindo um processo de construção enquanto cidade, sendo o samba um componente preciso para constituir outras formas de ser e estar na cidade, implicando temporalidades e espacialidades. Assim sendo, ao longo do trabalho essas duas canções serão divididas para a elaboração de alguns temas tal como o corpo

(MBEMBE,2022; BITETI e GRANDI,2022; SODRÉ,1988) e espacialidades (ROY,2017; MASSEY,2008), que visamos estar narrando para não somente a construção e manutenção do samba e suas variadas formas de impactar no cotidiano, todavia os temas - conceitos que se estabelecem para uma possível construção do urbano, enquanto um processo inacabado (LEFEVRE,2001) temporal e espacialmente.

Seriam justamente nesses imbricamentos de espaços (MASSEY, 2008), que contrariando a historicidade da urbanização do município do Rio de Janeiro que foi desde o princípio um processo violento, seja em prol da exploração da natureza- meio, ou então da sociedade em relação a múltiplos grupos étnicos tendo em vista a influência colonialista na organização espacial do território brasileiro, que além de atravessar o tempo, implica espacialmente a construção de arranjos espaciais (MOREIRA,2011), ou como propõem Roy (2017) ao trazer uma citação de Yiftachel (2009), onde pensa um colonialismo urbano ainda presente na maneira de se constituir a vida na e à cidade, como teoriza Harvey (2019) em seu livro “Cidades Rebeldes”, a urbanização capitalista ainda é um fator para o agenciamento de espacialidades, mas não somente.

A cidade e o Samba: Passando o som, olha o breque

Antes de aprofundarmos nos temas propostos, como dito na introdução, sendo espacialidade e corpo, queríamos tecer uma breve ideia a respeito da cidade e o samba, existindo hoje, inclusive a Cidade do Samba Joãosinho Trinta, inaugurada em 2005 na zona portuária do RJ, sendo uma relevância para pensar a cidade e o samba, seja pelo levantamento de toponímia, ou até mesmo para o significado de urbano partindo do samba enquanto uma forma de existência.

Ratinho (Alcindo Correia Ferreira) e Monarco (Hildimar Diniz), em sua composição (O samba Nunca Foi de Arruaça), gravado pelo Zeca Pagodinho (Jesse Gomes da Silva Filho) no álbum Samba Pras Moças (1995), convoca três personagens, sendo Carlos Cachaca (Carlos Moreira de Castro), Marcelino (Seu Maçu – Marcelino José Claudino) e Cartola (Angenor de Oliveira), para narrar uma possível historicização do samba, ou como pensa a filósofa Helena Theodoro (1996) a sua traje-história. Podemos narrar que as experiências da presença do samba na cidade temporalmente se diversificam, e acreditamos que isso possa ser salutar para

relembrar que esse papel do urbano, atrelado ao samba, reverberado na e como cidade, pode nos auxiliar a pensar o papel da disputa urbana, como por exemplo, vemos a seguir.

O samba, nunca foi de arruaça
 Quem sabe é Carlos Cachaca, testemunha ocular
 Ele viu nos tempos de menino
 Com Cartola e Marcelino coisas de fazer chorar
 Existia um certo preconceito
 Que nos tirava o direito de sambar com liberdade
 Mas apesar do preconceito, o sucesso era perfeito
 Quando o samba ia pra cidade
 (O SAMBA NUNCA FOI DE ARRUAÇA, 1995)

Sabemos que a etimologia da palavra urbano e cidade se modificam conforme o tempo como dissemos na introdução, implicando na sua materialização no espaço, pois os conceitos se mobilizam e modificam conforme sua aplicabilidade na práxis, que aqui incorporamos enquanto sociedade. Segundo Monte-Mór (2006), o urbano é a apresentado, também, pela marca de tomada da cidade, indo de encontro aos tecidos urbanos, por isso que trazemos para a estrutura deste trabalho, o samba, que reiteramos ser um agente que não só mobiliza as pessoas no espaço, mas constituem espaços e o reproduzem, trazendo um valor espacial notável para a cidade seja em localidades diversas como Apoteose (Marquês de Sapucaí), a Intendente, do antigo pagode da Tia Doca ao Bip Bip em Copacabana. Inegável a presença do samba na construção da espacialidade carioca.

As rodas de sambas, apontadas acima, fazem parte desses encontros - encruzos, feitos por pessoas de diversas localidades e em diferentes épocas. Os domingos, do pagode da Tia Doca, às quintas e domingo no Bip Bip, chegavam e chegam em várias casas, seja partindo da mobilidade, da circulação, do desejo. Pagodes que movimentam a memória desse trajeto carioca, viabilizado a partir das rodas de sambas. E aqui queremos falar de pagode e samba não enquanto a mesma coisa, todavia não podemos deixar jogar seus significados no campo de

palavras antônimas, pegando como exemplo o Pagode da Tia Doca, onde gravaram em 2002 o álbum “Pagode pra Valer” onde se apresenta a gravação da faixa “Samba é minha raiz”. A fim de esclarecer, acreditamos que essa multiplicidade de significados pode agir enquanto um fator anti-essencialista.

O sentido da disputa urbana constitui também o que o samba manifestava ser, dentro de um recorte temporal, onde os corpos que sambam (SODRÉ,1998) fugiam às normas da sociedade pós-imperial eugenista fazendo com esses corpos vistos como marginais ocupem o subúrbio, que ainda não havia tido seu processo de urbanização. Não à toa as escolas de sambas são criadas principalmente nesses espaços, no subúrbio carioca, que além de uma marcação territorial viam um método de se fincar no espaço, e desse espaço receber influências. Vale ressaltar a importância de organizações feita por figuras como Hilária Batista de Almeida conhecida enquanto Tia Ciata (Aceata), Tia Bembiniã, Tio Ossun, trazidos por Muniz Sodré (2019) como formas de constituir territórios em redes, através dos fundos de quintais, que aqui pautamos ser inegável a presença do samba, das pastoras e sobretudo da reunião que esses encontros promoviam, tendo em vista a perseguição ocorrida ao samba, e sobretudo por aqueles que o compunham.

Acima falamos do sentido de disputa urbana, indo de encontro a como propôs Lefebvre (2001) quando teoriza sobre o direito à cidade. Poderíamos aqui dizer que o papel da historicidade do samba sempre buscou o direito à cidade, mas não a um movimento de centralidade. O exemplo disso é a presença dos fundos de quintais, ou até mesmo o movimento do dia do “Pagode do Trem” que acontece no dia 2 de dezembro, o trem sai da zona central em direção a estação do bairro de Oswaldo Cruz. Podemos analisar esse movimento espacial, feito por um transporte que dentro do seu cotidiano transporta trabalhadores, como uma mensagem política de não somente pela chamada tomada da cidade, entretanto como forma de circular, de não estagnação, a linguagem e paisagem daquele trem adota, das estações, adotam um outro sentido.

As linguagens que se manifestam no samba assolam as estruturas materiais da cidade, sendo um meio, conceito esse tão importante e articulador na geografia de não pensar a partir somente de uma hierarquização escalar, como propõem Grandi (2022). Por enxergarmos a linguagem como um meio, que não só atravessa os espaços, mas constituem territorialidades,

deixemos esclarecidos que percorremos, neste trabalho, com uma visão da margem enquanto potência (BITETI e MORAES;2019) e gerenciadora de espacialidades, que carregam nessa subalternidade uma condição de existência presente nos espaços cinzentos (ROY;2017) que constroem essa cidade, pois como nos afirma Roy (2017) “o urbanismo subalterno recupera a figura do favelado como sujeito da história” (p.11), tendo essa afirmação enquanto ferramenta analítica para aplicabilidade da metodologia deste trabalho, poderíamos parafrasear Roy (2017) e dizer que esse sujeito da sua história aqui é o sambista, o compositor, ou como afirmava o cantor e compositor Edinho Oliveira “o operário do samba”.

Alguns métodos de gentrificação a esse corpo do samba, fazendo uma alusão ao livro de Sodré (1998), foram implementados. Seja por meio de despossessão de moradias, implicando em uma deslocação forçada que tenciona esses moradores que ocupavam a região central, a práticas eugenistas de reformas urbanas, como o exemplo da Reforma Pereira Passos, e as estratégias de enganar o olho (SODRÉ,2019) na idealização de um “Rio europeizado”, foram formas convenientes de criar um imaginário materializado de Europa. Enquanto a isso, o processo violento de reformas, Maurício Abreu (1992) nos elucida sobre quando fala da sílaba P.R (Príncipe Regente – para a corte) (Posto na rua – para os moradores daquela localidade) e o impacto dessa configuração no arranjo espacial da cidade e nesses moradores expulsos de suas moradias.

Como dissemos, a relação de poder está entretida materialmente nas paisagens do Rio de Janeiro, pois como nos lembra Santos (1992) há na paisagem uma forma e função, ao modo de que ao se estender espacialmente para o empírico, para a vida, a paisagem denota de uma função carregada de linguagem, sendo nessa perspectiva, um processo que tem seu fundamento no neocolonialismo e no sistema escravista enquanto fomentos para pensar e fazer os ajustes e arranjos espaciais (MOREIRA;2011) que desafiam a linearidade do tempo, que além de produzirem esse processo de urbanização enquanto um modo de vida, como escreveu Louis Wirth (1967) o reproduzem, também, implicando o tempo e o espaço, a visto que “o passado colonial foi memorizado no sentido em que não foi esquecido” (KILOMBA, 2019 p.213) chegando ao aqui e agora, como canta Gil (1977).

Faz um Fá Maior: Espacialidades da ribanceira a encruzilhada

Rio de ladeiras
Civilização encruzilhada
Cada ribanceira é uma nação
(...)
Fronteiras, munição pesada
(ESTAÇÃO DERRADEIRA, 1995)

O Rio de Janeiro, enquanto recorte topográfico e empírico abrange muitos os espaços, seja casas de santo, bailes funk - charme, pagode- samba, viadutos, igrejas evangélicas, centros espíritas (...) impossível dizer que esses espaços não se colapsam, se integram e influenciam um ao outro, tendo em vista, que aqui o foco se propõem a cunhar um caminho feito pela composição de Buarque (1995) enquanto um fator gerenciador de espacialidades, pois acreditamos em um sentido epistêmico (SODRÉ, 2019) e ontológico (BITETI, 2014) que perpassa e são geridos por essas localidades, advindo as suas geograficidades (MOREIRA, 2008), que constituem esse Rio que chega à margem, como dissemos. Indo de encontro a como propôs a geógrafa Ananya Roy (2017) ao falar que “como podemos entender a inevitável heterogeneidade do urbanismo do Sul(..)” (p.15).

Para então abordar e narrar esse Rio à margem, terminando não dentro de uma perspectiva heterogênea, seguimos a trilhar um caminho onde o nosso campo de pesquisa, que seriam as letras das músicas e sua materialização no espaço comum, se dá partindo de uma perspectiva do movimento e da não estagnação, como nos lembra Lemos (2013), sendo esse movimento um advindo a ter sentido geográfico e espacial que acreditamos ter uma intensa relevância.

Como afirma Moreira, em seu livro (2008), a geografia se preocupa com o vai e vem. Explicar e entender a cidade, urbano e urbanização, além de ser complexo e inacabado, implica localidade, temporalidade e espacialidade. Vejamos, podemos analisar a espacialidades do samba, enquanto um território político para uns, um espaço econômico e até mesmo um espaço turístico, podendo esses espaços se cruzarem e criarem outros espaços. Talvez seja essa a carta mestre da geografia, não dirigindo-se ao espaço, mas a volatilidade enquanto ferramenta

analítica. Porém nos preenchemos, nesse trabalho, a fazer uma análise das duas composições, como expomos acima, Buarque (1995) em sua composição, nos fala da civilização encruzilhada. Que recorrendo a uma epistemologia de terreiro, um Pensar Nagô, de Sodré (2017) teria uma profunda alusão a Irumole (orisa) Esu – Bara, ou nos Bantu (THEODORO, 1985) ao Nkisi Pambujila. Em ambos, essas divindades correspondem a uma zona de encontro, contato, encruzo e até mesmo mistura.

Chico Buarque em sua composição “ Estação Derradeira (1995) fala do Rio enquanto esse colapso de nações, desse espaço- entre (ROY,2017) no rio de ladeira, que age e se estrutura verticalmente, mas se encontra na encruzilhada, pois como afirmamos acima, entendemos que os espaços se cruzam por fluxo, se estendendo inclusive ao corpo, como sempre esteve, e pegamos como exemplo o vadio (NEGRIS e MORAES, 2016), as quituteiras (FREITAS, 2016) em tempos de planos de urbanização da cidade do RJ, enquanto estratégias eugenistas. Corpos esses que criavam um mal-estar no espaço hegemônico por serem ontologias do incômodo, da abolição, sem uma norma, agindo enquanto marginais perante uma ótica vigente de norma e daqueles que pertenciam as classes de elites (ROY,2017).

Nesse “rio do lado, sem beira” (BUARQUE,1995) podemos chamar atenção para dizer que a noção de beira, limite, é borrada para dar espaço aos encontros, podendo ter nesses encontros diversas formas de reverberar no espaço e de se reproduzir partindo da perspectiva da espacialidade advinda enquanto esse encontro de redes, e aqui, direcionamos o conceito de “rede” a como menciona André Lemos (2013) em seu texto sobre a teoria TAR (Ator -Rede), onde afirma que a rede não se reduz a uma conexão, mas sim a uma composição.

E que no fim da canção, Chico Buarque (1995) fala da batucada da Estação Primeira de Mangueira. Poderíamos aqui mencionar, tendo em vista o parágrafo anterior, quando direcionamos o nosso uso teórico do conceito de redes, para pensar por exemplo, seguindo uma reflexão já feita por Muniz Sodré (1998) ao juntar o som ao tempo, que aqui acreditamos no valor espacial que se estende ao corpo, pois como Sodré (1998) nos ensina que há “um efeito físico sobre o organismo, no sangue, na respiração, nos padrões físicos do cérebro, um meio de transmitir nossa experiencia (...)” (p.20), não terminando o corpo em um efeito biológico, e nem o espaço como resultado apenas desses efeitos físicos. Mas poderíamos dizer que ao se manifestarem, sejam por essas duas ocasiões que citamos, podemos ter a noção de que existe

maneiras dessa “batucada” como proposto na canção (BUARQUE,1995) ressoar no espaço e tempo, que se estendem enquanto corpo. Movimento feito de forma dialógica, indicando as formas de ser e estar na cidade.

As diferentes formas de ser e estar no espaço, diríamos as geograficidade (MOREIRA,2008), nos preenche de maneira analítica a observar essa relação tão fundamentada para compor as múltiplas territorialidades, que se expressam no urbano ao modo de construir a cidade e gingar com as táticas de existências (SODRE,2019) que colapsam a linearidade do tempo, pois como nos elucida Sodré (1998) ao falar da sincopa, o corpo preenche o tempo vazio sambando. O vazio é preenchido, nesse corpo que samba.

Na parada obrigatória: O Corpo do velho Aniceto

Gente boa, onde Aniceto está?
Foi pra bem longe
Quero ver quem vai dizer em versos
Onde se esconde

(GEOGRAFIA POPULAR, 1998).

Nessa parte do trabalho, enquanto referencial teórico Hill Collis e Bilge (2021), pensando a interseccionalidade enquanto uma ferramenta metodológica, fazemos um breve diálogo com um samba que agita Oswaldo Cruz no dia 2 de dezembro, dia nacional do samba. Que entoado da central, chega ao Samba Do Buraco do Galo, reduto de muito ensinamento, sendo essa roda de samba organizada há mais de 25 anos, na Rua Dona Vicência. O que está posto em questão na composição do samba, e aqui queremos frisar, é a vivência de modo empírico do velho Aniceto, um dos nossos baluartes do samba, que atravessou épocas, lugares. Que enquanto tema central da música está a procura a esse corpo, que fazendo uma alusão a Biteti e Grandi (2022) seria esse corpo escala do samba, que circula a cidade motivado por isso, pela lembrança, saudade e vontade partindo do samba. Sem dúvida é um fator de existência, e como nos lembra Elvio Martins (2007), a geografia é uma ciência preocupada com o existente.

“Geografia Popular”, o samba, resulta no pensamento dessa espectralidade, que conforme teoriza Moraes (2015) o espectro seria “aquilo que obsedia, que ronda, as vezes

assombrando e às vezes compondo” (p.149), aquilo que personificada a figura do velho Aniceto, um grande partideiro da Velha Guarda do Império Serrano, onde que durante os versos do samba “geografia popular” dizem que ele foi para bem longe, que está escondido. A procura é feita de bairro em bairro, seguido pela linha do trem que liga o subúrbio à zona central da cidade. Aqui se tem um corpo que não obedece a fronteiras, que circula e sobretudo não é localizado. Um corpo, que carrega uma interseccionalidade. Um homem negro, idoso, membro da velha guarda e sobretudo partideiro, sendo um corpo que extrapola a noção de limite, fronteira, que mesmo visível, encarnado, não sabem seu paradeiro. Um corpo que desafia as hegemonias preenchidas na cidade.

As linguagens da cidade, seus símbolos e significados, suas barreiras e fronteiras, se modificam em virtude do tempo e espaço, todavia acreditamos ser prudente a abordagem da escala, trazendo a perspectiva do corpo em frente a esses acessos que por muitas vezes, dentro daquilo que se constitui enquanto territórios, atravessam essas barreiras. Queremos alertar para um colapso escalar (GRANDI;2022) que grafa e risca essa cidade, movimentando não só as circulações, mas carregando um princípio de privação dos espaços, gentrificação dos corpos, processos de triagens (MBEMBE;2022) e enquadro policiais, gerando uma geografia dos conflitos, que aqui, abordamos com uma visão multiescalar, corporificada e interseccionalizada resultando nesse “embricamento existente entre o hegemônico, o não-hegemônico e o contra hegemônico,” (BITETI e GRANDI;2023.p.84).

Desde os princípios históricos das sociabilidades e sociedades a fronteira se constitui com o intuito de apresentar onde começa e onde termina determinada área, onde delimita, todavia, apossa. Seguiremos assim. Quando pensamos em uma perspectiva da cidade do Rio de Janeiro, esse território, que demanda, controla e converge o poder, não estando de fora a disputa por terra, assumindo novas configurações permanecendo vigente as funções e processos que agitam essas demarcações, sendo carregadas por munições, barricadas e até mesmo o corpo como um elemento que não acaba em si, fisicamente, agindo como fronteira (MBEMBE;2021) e escala (BITETI e GRANDI;2022).

O corpo-fronteira, para Mbembe (2022) carrega raça e que segundo o autor o conceito de raça não está apenas embasado na epiderme, podendo ser desmembrado fisicamente, mas não apenas. Retorcido pela virulência de desafiar o Brutalismo, sistema que utiliza das zonas

de exceção para exercer seus métodos neocoloniais, que segundo o filósofo camaronês é o grande feitor para a despossessão não só como da ampla e livre circulação, como da maneira mais viva de se viver, o existir. Poderíamos dizer que esse corpo fronteira está sendo carregado ao modo que o Imperiano Velha Guardista Aniceto vai pra bem longe e não se sabe seu paradeiro, produzindo assim aquilo que acreditamos ser molejos existenciais.

Todavia, assim como essa forma de controlar o corpo está posta em atividade, até mesmo no sentido da mobilidade, do acesso a certas zonas e ambientes, a ginga, como descreve Sodré (2019) irá resultar em movimentos que conseguem negociar, tangenciar e até mesmo estar na forma sendo não tendo uma. Esse movimento segue pelo molejo do trem, metrô, ônibus e o no próprio corpo onde “a cidade é desenhada por um surf sem prancha, nos calotes, nos tetos e nos mergulhos das roletas, transbordando afetos a cidade brilha como raio, rápida como flecha” (MORAES, 2021. p.41), uma cidade que existe no imaginário de muito daqueles que margeiam a sua presença e desafiam sua forma.

Entretanto o corpo do samba, como pensa Sodré (1998) em seu livro, exprime uma forma de vivenciar a cidade e fazer essa cidade, diríamos uma dialética, que nesse trabalho nos esforçamos para pensar na perspectiva do Rio de Janeiro. Trazendo a potência do encontro, do terreiro, da roda, como forma de socializar. Essa zona de contato que se estabelece pelo arrepio e emoção, pela vontade de cantar e o gingado do corpo, criando conexões que dimensionam ontologicamente a presença do samba á e na cidade.

Quando toca arrepia

Todo corpo balança

Quem não entra na dança

Segura a criança

É pura magia

É muita alegria

Quando o povo firma

Na palma da mão

(VISITA DOS PARTIDEIROS, 2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatores expostos durante o trajeto do trabalho vemos o quanto relevante se encontra em pensar a cidade de diferentes perspectivas, partindo da própria composição musical, refletindo ao corpo, tempo, escala e espaço. Fazendo da Geografia Popular (Carvalho, 1997) um método de gerir geografias que potencializam o estar na cidade, desafiando as hegemonias estruturais, surgindo assim outros caminhos para pensar o saber e ser geográfico. Pois como canta Luz (2016) “futuro é pra quem lembrar”.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. (Org.) . **Natureza e Sociedade No Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992.352p.

AQUI E AGORA. Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. *In*: Refavela. Intérprete: Gilberto Gil. Salvador (BA): Warner Music Brasil, 1977. 4 min e 13 seg.

BITETI, Mariane de Oliveira. **O em-si-para-o-outro-para-si: o ôntico e o ontológico como dimensões do ser geográfico**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2014

BITETI, M. O. ; GRANDI, M. S. . O corpo-escala e as estratégias espaciais do margear: proposições preliminares. **ESPAÇO E CULTURA (UERJ)** , v. 51, p. 71-98, 2022.

BITETI, Mariane de Oliveira ; MORAES, M. D. . Vidas y saberes periféricos como potencias transgresoras. Tlalli. **Investigación en Geografía** , v. 1, p. 76-96, 2019.

CABÔ, MEU PAI. Intérprete: Moacyr Luz e Samba do Trabalhador. Compositores: Aldir Blanc, Luiz Carlos Da Vila, Moacyr Luz. *In*: Samba Do Trabalhador (Ao Vivo No Bar Pirajá). Intérprete: Moacyr Luz. Samba do Trabalhador e Rildo Hora. Rio de Janeiro: Universal Music Group, 2016. 4min e 14 seg.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

ESTAÇÃO DERRADEIRA: Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. *In: Uma Palavra*. Intérprete: Chico Buarque. Rio de Janeiro: RCA Records, 1995. 2 min e 31 seg.

FREITAS, Fernando Vieira de. As negras quitandeiras no Rio de Janeiro do Século XIX Pré Republicano: modernização urbana e conflito em torno do pequeno comércio de rua. **Tempos Históricos**, Volume 20, 1o Semestre de 2016, pp. 189-217.

GEOGRAFIA POPULAR: Intérprete: Beth Carvalho. Compositores: Arlindo Cruz, Edinho Oliveira e Marquinhos de Oswaldo Cruz. *In: PEROLAS DO PAGODE*. Intérprete: Beth Carvalho, Rio de Janeiro: Stereo, 1998. 3 min e 54 seg.

GEORGE, Pierre. **Os métodos da Geografia**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

GRANDI, M. S. . Problematizações contemporâneas sobre a escalaridade: forma, natureza e organização das escalas geográficas. **GEOGRAPHIA (UFF)** , v. 23, p. 1-18, 2021.v. 01, p. 137-150.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes. 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi, SP: Editora Centauro, 2001 [1969].

LEMOS, André. **A comunicação das coisas – Teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume. 2013.

MARTINS, Elvio. Ontologia e geografia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n.21, pp. 33 - 51, 2007

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MONTE-MÓR, Roberto Luis. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.111, p.09-18, jul./dez. 2006

MORAES, MARCELO JOSÉ DERZI . A Força de Leci Brandão. In: Wallace Lopes. (Org.). **Sambo logo penso - Afroperspectivas filosóficas para pensar o samba**. 01ed.Rio de Janeiro: Hexis, 2015, v. 01, p. 137-150.

MORAES, MARCELO JOSÉ DERZI . A rua é nóix. **Revista Cult**, São Paulo, p. 41 - 42, 01 jul. 2021.

MORAES, MARCELO JOSÉ DERZI ; NEGRIS, A. . Escrituras da Cidade: ordem e desordem a partir de Derrida. In: Solis, Dirce; Moraes, Marcelo. (Org.). **Políticas do Lugar**. 01ed.Rio Grande do Sul: Biblioteca Faculdade Arquitetura / UFRGS, 2016, v. , p. 50-85.1985

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**.1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, R. . **Sociedade e espaço geográfico no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011. v. 1. 159p .

O SAMBA NUNCA FOI DE ARRUAÇA: Intérprete: Zeca Pagodinho. Compositores: Hildimar Diniz e Ratinho. In: Samba pras Moças. Intérprete: Zeca Pagodinho e Velha Guarda Show da Portela. Rio Janeiro: Universal Music Group,1995. 2 min e 58 seg.

PAGODE PRA VALER [Pagode da Tia Doca]. Paradoxx Music, 2002. Youtube. Disponível em: <https://youtu.be/IRzBjjTHMZ8?si=ogAK-ZamXbDJtvRO>. Acesso em: 23 jul.2024 (20 músicas).

ROY, Ananya. Slumdog cities: Rethinking subaltern urbanism. **International Journal of Urban and Regional Research**, 35(2), 223-238.2011 (ROY, Ananya. Cidade Faveladas: Repensando o urbanismo subalterno (tradução; CRUZ, M. M. TONUCCI FILHO, JOÃO

BOSCO MOURA . Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno. Rio de Janeiro: **Revista e-Metropolis**, 2017).

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1992. [Capítulo 4 – estrutura, processo, função e forma como categoriais do método geográfico, pp.49-59]

SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, 238p.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: A Forma Social Negro-Brasileira**. Mauad Editora Ltda, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Samba - O dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. v. 1. 110p

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

THEODORO, Helena. **O negro no espelho: Implicações para a moral social brasileira do ideal de pessoa humana na cultura negra**. Universidade Gama Filho (Tese).

VISITA DOS PARTIDEIROS. Intérprete: Samba da Volta. Compositores: Artur Jr., Fernando Procópio, Hudson Santana e Igor Trindade. Intérprete: Samba da Volta. Rio de Janeiro: Gravadora Samba da Volta (independente), 2024, lado, faixa 1,3min e 17 seg.

WIRTH, Louis Wirth. O urbanismo como modo de vida. Tradução de Marina Corrêa Treuherz. In: Otávio Guilherme Velho (org.), **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: 1967 [1938], pp.89-112.

Yiftachel, O. **Critical theory and gray space: mobilization of the colonized**. City 13.2/3, 246-63.2009.

